

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES E TABATINGA – CESTB
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

JOVANI PEREIRA RAMIRES

**O ENTRELACE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO LIVRO “TABATINGA –
CRÔNICAS FRONTEIRIÇAS”, DO ESCRITOR LUIZ ATAÍDE**

TABATINGA -AM

2022

JOVANI PEREIRA RAMIRES

**O ENTRELACE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO LIVRO “TABATINGA –
CRÔNICAS FRONTEIRIÇAS”, DO ESCRITOR LUIZ ATAÍDE**

Artigo apresentado como requisito final para a
obtenção do Grau de Licenciatura em Língua
Portuguesa, pelo Curso de Letras da
Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientador: Prof. Dr. Valter Luciano Gonçalves Villar

TABATINGA – AM

2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda a minha família, pelo apoio e dedicação que sempre tiveram comigo, em especial a minha esposa Sara de Souza Tavares que sempre esteve ao meu lado desde quando nos conhecemos, ao meu filho David Lucas de Souza Tavares que também é o motivo pelo qual me esforcei a concluir o curso, para que possa de alguma forma ajuda-lo mais na frente, a minha mãe Maria dos Santos Pereira e meu pai Jorge Nascimento Ramires, pelo amor, carinho, preocupação, pelas palavras de apoio durante meu processo de aprendizagem, sempre estiveram me ajudando, apoiando, motivando, compartilhando das minhas alegrias e angústias, a me concentrar quando pensar que não iria conseguir. Aos meus irmãos, pelo amor, respeito, incentivo, carinho e por acreditarem em meu sonho. Aos meus sogros que mesmo distante sempre torcem pelo melhor minha vida. Aos meus colegas de curso que compartilharam comigo momentos de alegrias e tristezas que apesar de todos os obstáculos que surgiram durante esta jornada sempre mostraram companheirismo em ultrapassarmos juntos e conseguir a realização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

A meu senhor e sempre Salvador Jesus Cristo por ter me dado a existência, pela força quando me afligia ao saber que tinha muitos obstáculos pela frente, quando por momentos achar que não iria conseguir, por momento difíceis que passei, por isso sei que devo iniciar os meus agradecimentos por esse que me protegeu durante essa jornada. Aos meus pais, por serem compreensivos e me ensinarem o certo e errado, por toda a educação ao longo da minha vida, conselhos, apoio moral e por serem meus exemplos de vida, mesmo que não pudessem me ajudar com algo material, sempre estava ali para o que desse e viesse, a minha esposa, ao meu filho, aos meus irmão, por estarem sempre torcendo pelo meu sucesso, pelas minhas conquistas, pois sabem do meu esforço, e do grande valor que tenho, e do que posso conquistar ainda mis. Aos meus professores, em especial, ao Valter Luciano Gonçalves Villar, Gabriela Fernandes, Risinéa Auxiliadora, Arthur Ribeiro, Ilma Obando, Sebastiana, Elisabeth e Rocilange Salles que nos deixou por conta da covid 19, que a levou, não só ela, mas também muitas pessoas das quais conhecíamos, amigos, parentes. Faço esse agradecimento a estes professores porque são mestres na arte do ensino, e sempre estiveram e estão prontos e dispostos a nos ajudar.

Agradeço a todos que de forma direta e indireta contribuíram para conclusão do curso e realização deste trabalho, na caminhada que não foi fácil, mas com ajuda de todos pude chegar até aqui, que com a certeza no coração posso dizer que é de grande importância na minha formação acadêmica.

E para concluir quero dizer, Até aqui o Senhor me Ajudou!.

O ENTRELACE ENTRE LITERATURA E HISTÓRIA NO LIVRO “TABATINGA – CRÔNICAS FRONTEIRIÇAS”, DO ESCRITOR LUIZ ATAÍDE

JOVANI PEREIRA RAMIRES

ORIENTADOR: PROF DR. VALTER LUCIANO GONÇALVES VILLAR

RESUMO: Este trabalho se propõe a trabalhar o entrelace entre Literatura e História, no “Livro Tabatinga – Crônicas Fronteiriças”, do escritor Luiz Ataíde, que conta a história do município de Tabatinga localizado no estado do Amazonas, onde envolvem em sua narrativa, história de fatos antepassados e junto ao contexto da história, mescla a ficção, obtendo um efeito literário que por si já se faz presente. Teve por objetivo analisar como ocorre esse entrelace dentro da narrativa pelo escritor, e de que forma esse entrelaçamento estão evidenciado. Tratando de enfatizar a escrita literária, dando-lhe os conceitos que a ela é dada, assim também como para, a ficção e a história, justificando-as por meio da escrita do autor local, respeitando o livro em sua essência. Sustentando argumentos em autores como Luiz Costa Lima (2007) e Antônio Cândido (1965), que contribuíram para o desenrolamento deste trabalho.

Palavras – Chaves: Entrelace. Literatura. Ficção. História. Tabatinga.

ABSTRACT: This work had as object of study the book by the writer Luiz Ataíde, had as with the theme, The intertwining between Literature, Fiction and History, in the perspective of the Tabatinga Book-Chronicles borders by the writer Luiz Ataíde, which tells the story of history of the municipality of Tabatinga located in the state of Amazonas, where they involve in their narrative history of facts ancestors and together with the context of history mixes the fiction and the literature that is already present. Aimed analyze how this intertwining occurs within the narrative by the writer, and how this intertwining is evidenced. We sought to emphasize literary writing, giving it I he the concepts that it is given, as well as for, fiction and history, justifying them through the writing of the local author, respecting the book in its essence.

Keyword: Interlace. Literature. Fiction. Story. Tabatinga.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procurou entender os liames que envolvem a literatura e a história, tendo como objeto de investigação o livro “Crônicas Fronteiriças 1”, do escritor tabatinguense Luiz Gonzaga Ataíde, livro esse que versa sobre a história da cidade de Tabatinga.

Luiz Ataíde, nasceu em Tabatinga em 22 de junho de 1947. Alfabetizado pela sua mãe, a senhora Antonieta Ataíde, seu Lulu, como é conhecido na cidade desde criança, frequentou as escolas da vizinha Letícia/Colômbia entre os anos de 1955 a 1958; em 1959 passou a estudar em Tabatinga, ano em que chegaram as primeiras professoras, trazidas de São Paulo de Olivença – AM, pelo bispo Dom Adalberto Marzi. Fez o curso primário na Escola Marechal Rondon, fez o Ensino Médio na Escola Duque de Caxias, onde concluiu o curso de magistério. Foi professor por quatro anos na escola Marechal Rondon, passando depois a trabalhar na empresa estatal Emater-Amazonas, atual IDAM, quando fundou as associações de produtores rurais do município e a associação de pescadores.

Em 1972 fundou a Liga Esportiva de Tabatinga, ocasião em que esteve envolvido com a organização de vários campeonatos locais e regionais, isso o projetou para uma participação mais ampla na sociedade e em 1981, começou a realizar os primeiros movimentos políticos, com vistas a criação do município de Tabatinga. Esse movimento em prol da autonomia da cidade lhe custou dez dias de prisão, pois apesar do cenário político permitir esses tipos de movimento político, a área da fronteira, militarizada ao extremo, a tudo respondia com muita brutalidade, inclusive a esse movimento de autonomia, que era do interesse de todos.

Alcançado a autonomia do município, na primeira eleição municipal, ocorrida no ano de 1982, seu Lulu elegeu-se vereador do município. Exerceu ainda, no campo da política, as funções de diretor da Câmara Municipal de Tabatinga e de Secretário Municipal de Administração Geral e Planejamento, durante os mandatos dos prefeitos Francisco Rodrigues Balieiro, Lino Marinho e Raimundo Nonato Batista de Souza.

Não obstante todas essas ocupações, o senhor Luiz Ataíde se dedicaria ainda ao fazer historiográfico e literário. Ao longo de sua vida escreveu várias lendas, causos e contos que são distribuídos e vendidos ambulante, como acontecia no passado, com nossos escritores, especialmente os do período romântico.

Esses escritos, historiográficos e literários, lhe renderam outro qualificativo, o de ser um dos repositórios mais fidedigno das histórias, fatos marcantes, lendas, contos de Tabatinga e da Região do Alto Solimões. Seus escritos estão publicados em três interessantes obras:

1) **Tabatinga - crônicas fronteiriças 1.**

Nesta obra ocorre a narrativa de fatos históricos que ocorreram no município de Tabatinga – AM, tais fatos que até hoje são lembrados, principalmente por alguns desses acontecimentos estão interligados com o

místico, sobrenatural. O livro não retrata as histórias em uma ordem cronologicamente, mas busca evidenciar a narrativa em fragmentos históricos vividos ou presenciados pela população, onde o real se faz presente, dando espaço não somente para informar como também para a imaginação do leitor.

2) Tabatinga, Sua História no Contexto do Alto Solimões e da Região Tri-Fronteiriça.

A obra busca desde o primórdio do Município, retratar como tudo começou quem eram os primeiros habitantes dessa região, o modo de vida, culturas, políticas, abordando fatos históricos, como por exemplo, a exploração da seringa no alto Solimões com ênfase ao Vale do Javari, sua exploração comercial e a consequência para a região, a trajetória de desenvolvimento do Município, que vai desde sua origem, até a posse do primeiro Prefeito eleito em Tabatinga e seu legado para a cidade, passando também pelos reflexos pós-proclamação da república para o Município de Tabatinga, e também para o Município de Benjamin Constant.

Assim regatando e relatando sua trajetória desde sua fundação, sua evolução geopolítica pela sua posição estratégica na fronteira, entrevistando antigos militares, seringueiros e tantas outras pessoas que vieram a contribuir para solidificar, marcando para sempre junto com o nativo este vasto território Amazônico, cujas conquistas alcançadas e as que ainda serão alcançadas, vão depender de coragem de cada um de nós, em procurar dedicar um legado digno para as futuras gerações.

3) Leticia, a Mulher com nome de cidade, a Cidade com nome de Mulher.

Um romance onde envolve a História com fatos reais, que trata do tratado entre Peru e Colômbia em 1922, onde peru cedia gratuitamente para colômbia região onde se encontrava Leticia, tratado este que o povo peruano não ficou sabendo e com isso resultou em uma tomada de volta da região por um pequeno grupo Peruano, resultando em uma guerra entre Peru e Colômbia em 1932. Narra a história como se deu o nome da cidade de Leticia – Colômbia – Amazonas. Personagem Leticia uma mulher bela, vindo de férias da cidade de Iquitos em visita ao novo povoado Peruano que se instaurava em Santo Antônio perto do forte São Francisco.

Ali conhecendo um jovem Engenheiro de nome Emanuel Charon, que estava na cidade a trabalho, elaborado a planta do novo quartel peruano. Apaixonou-se pelo rapaz, e o rapaz por estar apaixonado resolve mudar o nome da cidade de Santo Antônio para então Leticia.

Essa pesquisa, portanto, se circunscreverá sobre livro “Crônicas Fronteiriças 1”, cuja narrativa intenta contar a história da cidade, juntamente com narrativas lendárias que a compõe, ou seja, o autor, no decorrer da obra, além de expressar seus relatos pessoais, procura demarcar a história do município a partir de seu olhar e isso se estende também aos acontecimentos “sobrenaturais”, que se espriam pela tradição popular.

Como abordagem teórica, a presente pesquisa se fundamentou nos escritos de Luiz Costa Lima, especificamente a obra “História. Ficção. Literatura” (2006), e em Antônio Cândido, com o livro “Literatura e Sociedade”, (1965), com vistas a compreender os conceitos e as fronteiras entre Literatura, Ficção e Realidade, com vistas a entender como esses entrelaçamentos ocorrem “Crônicas Fronteiriças 1”.

Tanto a História, quanto a Literatura, trazem em sua bagagem elementos de cunho discursivos, que usam o campo da linguagem. Parafraseando o Mestre de Estagira, a primeira pretende contar a vida como ela é; a segunda, como deveria ser, mas ambas se valem do mesmo método, o de utilização da memória para reconstrução dos fatos do passado, filtrados, nesse objeto de estudo, pela visão própria do autor.

A pesquisa, portanto, buscará evidenciar o que se pode tomar como história e o que se pode caracterizar como literatura nos escritos do autor Luíz Ataíde, especificamente em “Crônicas Fronteiriças”, de modo que possamos ensaiar uma possível classificação da referida obra, delimitando onde está o campo discursivo, onde está o campo historiográfico dessa obra.

2. História, Ficção e Literatura na visão de Luiz Costa Lima e Antônio Cândido.

Há muitas definições do que seja literatura e a depender do campo de investigação do autor, essa definição alcança níveis de investigação que chegam a ser uma verdadeira questão

filosófica, como se vê nos escritos dos enciclopedistas franceses, mas para esse trabalho, nos limitaremos a entender a literatura como uso estético da linguagem escrita, em outro termo, arte literária, que nada mais é que um conjunto de obras literárias de reconhecimento, com valor estético que pertença a um país, sociedade, época, gênero etc,

Servindo para se registrar a existência, a literatura constitui-se de ideologias que se relacionam-se com a conduta, trabalho e outros fatores determinantes para sua feitura, pois não há como desconhecer que a relação autor, obra e público, um tripé que, necessariamente, leva em conta fatores e olhares acerca do homem em torno da e na sociedade inserido.

Podendo ser classificada de diferentes formas, a literatura está no meio da arte propriamente dita, em uma profissão, e sem dúvida alguma pode está expressa em um conjunto de obras que determinam um período, fazendo os leitores terem novos pensamentos e conhecer por meio da leitura de uma obra, a qual retrata tempos que não conheça, que dependendo do contexto social em que esteja inserida, surgirá conforme a percepção do leitor, que ao construir uma realidade, a obra literária desperta no leitor emoções e reações, onde tal reação é de ter novos conhecimento e assim, ter posição crítica diante de alguma situação.

Luiz costa lima (2006), autor do livro História. Ficção. Literatura (2006) divide seu livro por seções, onde a primeira seção aborda História; a segunda seção, Ficção; e a terceira, Literatura, trazendo pontos importantes para o estudo do tema, visto que ao longo do tempo, tem havido discussões sobre a temática por parte de estudioso. Ao discorrer sobre a História, Luiz Costa Lima enfatiza que os autores possuíam um cuidado específico para não serem confundidos como ficcionistas, ou seja, procuravam, acima de tudo, ausentar-se de expor opiniões pessoais em seus escritos, a fim de que a obra retratasse o mais fiel possível a reconstrução de uma realidade:

“tinha o cuidado de não confundir o que pensava com que lhe havia dito, ora recusando o que registrava, ora declarando haver outras opiniões” (LIMA, 2006, p 56).

Assim, o historiador não exprime suas opiniões, mesmo o contexto exigindo, o que aponta para uma tentativa de neutralizar suas convicções, como se isso fosse suficiente para elas não serem expostas nos textos, nas entrelinhas dos escritos. Essa tentativa de abrir espaço para outras ideias, especialmente ideias advindas dos leitores marcavam a tentativa dos historiadores de neutralizar o máximo possível aquilo que pudesse ser tomado como ficção, como invenção, como opinião própria, o que resultaria numa possível descrença de seus relatos.

Ao falar sobre a História, especificamente, o autor, se valendo das referências deixadas nas obras de Homero, Tucídides e Heródoto, afirma que ao escrever a história, a mesma está subordinada a questões subjetivas, especialmente para quem tenta compreende-la, ou seja, a subjetividade se assenta nas interpretações de quem a ler, o que vem colocar em dúvida a extensão da pretensão do discurso historiográfico de pretender reconstruir uma realidade na sua máxima amplitude.

No que diz respeito à Ficção, Luiz Costa Lima aborda suas afirmações de fictio, cujo termo na qual tem procedência latina, e que está contido o lado fictício e o lado positivo do motivo de uma criação, e que sempre esse lado positivo está sujeito de mimese, (imitação) ou ação da imitação, designada a reprodução, ou representação de algo que está contido no processo de criação de um terminado tema, embora esteja interligado pela imaginação do autor ao escrever sua obra.

Segundo Lima (2006), a mimese estar centrado na sociedade é uma fonte de aliada, uma viga que por meio dela acolhe por forma seletiva, são vigas que circulam os valores, costumes, seus usos, e assim construindo uma lógica social, fazendo com que a mimese sirva para ancorar uma obra no mundo, enquanto a ficção mostra-se como característica discursiva de fator que possam vi a decorrer. Para o autor, a mimese se concretiza a partir do que ele chama de vigência social, onde é determinada de valores que a sociedade já adquire e com base nesse conceito a extrai e se apodera dessa matéria-prima.

Ainda discorrendo sobre a ficção, Costa Lima (2006) afirma que a mesma está entrelaçada ao modo discursivo, configurando-a como uma modalidade de uso de uma linguagem, e que uma relação da ficção com a realidade, não quer dizer que seja na verdade uma relação ou alienação com a realidade, pois “O ficcional literária incorpora, ainda que de maneira velada ou estética, parcelas da realidade” (LIMA, 2006, p. 282).

Já no que tange à Literatura, o autor elaborou importantes questões sobre as características das Belas-Letras, sua vigência moderna. Assentado em estudos de autores como Schlegel, Mme de Stael, René de Chateaubriand, Marcel Proust e Paul Valéry, Costa Lima tem procurado entender até que ponto o estatuto da literatura pode ser tomado como expressão de uma verdade ou de verdades ali estabelecidas.

Para tanto, se vale do romance “Memórias do Cárcere”, do escritor alagoano Graciliano Ramos, para tentar exemplificar o quanto os fatos reais ali configurados não são, por si só, suficientes para reconstrução de uma realidade, pois a mesma, necessariamente, será mediada pela linguagem, no caso pela linguagem literária, por isso “que o documento não exaure o que a configuração verbal admite. (LIMA, 2006, p. 364).

Essa relação entre História, Ficção e Literatura aponta para um mergulho no universo historiográfico, primeiramente, para que possamos entender, mais amiudamente, como a ficção se estrutura nos textos, como que essa relação configura o campo do discurso a que chamamos de Literatura.

Outro crítico importante, Antônio Candido, também trata de questões que envolvem a Literatura, a Ficção e a História, ainda que com viés mais sociológico, Cândido (1965) defende que a literatura é primordial e que deve ser um direito do ser humano, pois a ficção/fabulação é, sem dúvida, atuante no que diz respeito ao caráter dos homens e ajuda na formação dos mesmos. Sendo assim, a literatura está em contato direto e dialogando com a sociedade de modo geral, daí a literatura ser, portanto, um elemento social a qual esta ligada diretamente com que ocorre nas condições de uma sociedade em si.

Essa relação entre homem e literatura, entre homem e ficção é entendida pelo crítico paulista como um conjunto de valores éticos da sociedade que afluem para uma obra literária, essa, por sua vez, recebe os influxos da sociedade, da história e para ela se contrapõem, se ajusta, se coaduna, como um efeito em que a via de mão dupla sempre se faz entre a Literatura e a sociedade:

“tanto quanto os valores, as técnicas de comunicação de que a sociedade dispõe influem na obra, sobre tudo na forma, e, através dela, na sua possibilidade de atuação no meio”. (CÂNDIDO, 1965, p. 41).

Ao abordar a literatura em sociedade, na questão de não fazer uma sociologia da arte e da literatura, o crítico busca enfatizar em que proporções os aspectos sociais envolvem as vias artísticas e literárias em seus diferentes momentos da história. Em relação a posição social, o autor afirma que deve partir do aspecto estrutural da sociedade, deve-se averiguar o processo pelo qual o criador de arte atribui o seu papel específico. Definindo não só seu posicionamento, na escala social, mas também na formação do grupo do artista, já que os elementos, que são de estrutura individual, adquirem elementos significativos sociais, na medida em que os indivíduos começam corresponder a necessidade coletiva. De certo modo, o criador de uma obra de arte depende das condições sociais, para que de fato possa determinar sua posição a que está inserido na sociedade.

Lembrando que no campo de leitores, há os que são considerados iletrados e com isso há apenas uma observação dos fatos, passando por análises estruturais e comparativas, até chegar então, no que é chamado de função na sociedade, de forma mais coerente e válida, sem esconder ou deixar de mostrar o seu aspecto estético e psicológico.

Mas o que de fato importa no trato esta questão, é como essa análise estrutural combina com a função social, uma vez que tais grupos de indivíduos iletrados de literatura estão interligados com a vida coletiva de ambas as partes, ao construir o que se materializa na literatura erudita, o escritor não pode se ausentar de aspectos que possa fugir do interesse de todos, mas sim que faça em ajustamento que o coletivo venha ter de fato essa proximidade com a obras literárias.

Com base em Cândido (1965) essa concepção está ligada ao que é proposto, que o contato com a sociedade o homem se depara a com diversos tipos de discursos dos que são a base para que haja relacionem-no entre o autor e leitor, por isso que não devemos esquecer o quanto esses olhares devem basilar o estudo acerca da obra do escritor Luiz Ataíde, ou seja, até que ponto poderemos os aspectos sociais, historiográficos estão inseridos na ficção e como eles são transformados em material ficcional em sua pretensa tentativa de reconstruir a História de Tabatinga, com seus relatos pessoais.

3. A estética historiográfica e literária do autor Luiz Ataíde.

A Literatura e História, ora tiveram uma boa ligação, ora compartilham de conflitos, mas em tese a Literatura se baseia em fatos históricos para recontar ou criar os fatos ocorridos, enquanto a História está baseada em argumentos tidos como verdade. Pensando nisso, o livro “Crônicas Fronteiriças 1”, escrito pelo autor tabatinguense Luiz Ataíde, fornece em sua narrativa, informações sobre a história do Município de Tabatinga, desde a sua criação e emancipação à categoria de municipalidade, carreando, nessa tentativa historiográfica, elementos com fortes características subjetivas, que beiram a relatos ficcionais, míticos até, fazendo dessa fronteira de entrelaçamento, um amalgama de fatos históricos, literários, ficcionais.

O autor, ao relatar os fatos ocorridos no município, busca se basear em acontecimentos por ele vividos e/ou vividos pelo coletivo, se valendo de uma linguagem simples, como se estivesse a conversar em alguma roda de amigos ou de pessoas interessadas em histórias locais. Essa opção pelo uso da linguagem de forma simples, permite aos leitores uma aproximação maior com os textos que ele deseja apresentar, preenchendo, assim, as lacunas de informações, ou seja, para que não haja falta de informações o autor aborda outros fatores, engajando dentro da narrativa, a literatura propriamente dita, culminada na historiografia da cidade.

Com isso, o autor compreende que sua narrativa é embasada no processo de compreensão sobre o quê o mesmo quer repassar, mas, para isso, depende exclusivamente do leitor daquilo que ele está lendo, dependendo do conhecimento de cada agente envolvido, onde cada indivíduo pode fazer a separação entre cada texto, se o é ficcional, histórico ou apenas literário.

O autor Luiz Ataíde em seu livro “Crônicas Fronteiriças 1”, narra acontecimentos históricos que ocorrem no Município de Tabatinga-AM, fatos verídicos e fatos fictícios vivenciados, presenciados e repassados de geração em geração. Fazendo essa interligação de fato com o fictício, fazendo com que o leitor extraia as informações que antes não sabia, o que dilata o espaço imaginativo para quem o ler.

Ele começa por narrar trajetória dos 12 anos sem que houvesse padre na cidade. O designado para o apostolado católico, frei Ciro, natural do estado de Minas Gerais, que estava em Manaus, foi o indicado para essa missão e sua chegada foi cercada de expectativas como se vê nos relatos, quando as pessoas foram até o aeroporto de Tabatinga, recepcionar o pároco, que chegou em uma Aeronave Militar, apesar de pertencer à Companhia Aérea Cruzeiro do Sul, a mesma estava à serviço da Força Área Brasileira. Fiel ao votos perpétuo de obediência, o religioso passa a trabalhar como capelão militar no Amazonas, ou seja, exercendo um cargo junto aos soldados do Comando de Fronteira do Solimões/1.

Ao narrar esse simples fato, é nítido a tentativa de glamourizar ou até mesmo tornar a chegada do capelão um ato insólito, poético até. Aqui não há muitas conjecturas acerca dos 12 anos em que as pessoas do lugar ficaram sem a prestação dos conselhos religiosos, a fim de suportarem a ausências de seus familiares, comungar com a sua crença religiosa, o que era de se esperar de um relato histórico, mas o que vemos são notícias que mais beiram uma tentativa de recuperar um tempo nostálgico, como se tudo que aqui ocorresse fosse motivo de grande repercussão.

Ora, quem, de fato, apontou a importância do evento se não o próprio autor que, se valendo de uma narração que mais se aproxima do estatuto da literatura, escolheu esse momento, entre os doze anos de ausência de prestação religiosa, para reconstruir um fato do

passado, o qual, é o que se vislumbra, tem proeminência na escolha do autor. Essa tentativa de narração acostada a algumas verdades é vista por Luiz Costa Lima, como um início daquilo que separou a História da Literatura, conforme podemos perceber de seus escritos:

“O cuidado com a construção textual pressupões que já não se tome a linguagem como simples modo de referência de conteúdos factuais. Preocupa-se com a construção do texto não superes considerar a verdade (alétheia) uma falácia convencional; a procura de dar conta do que houve por que assim foi é o princípio diferenciador da escrita da história. Ela é a sua própria aporia”. (LIMA, 2006, p, 37)

Tendo essa preocupação com a linguagem, proposta do Lima (2006). O escritor Luiz Ataíde se difere nesse sentido do ficcional, e agindo estrategicamente, seleciona os fatos por ele narrados e de forma sucinta, reflete ao leitor a informação por ele pretendida, por assim dizer, busca retratar uma narrativa de forma simbólica para cada leitor, assim expressa na página nas páginas 12 e 16 do livro, onde o autor aborda os fatos sobre a primeira eleição de Tabatinga, tendo como prefeito Oscar Gomes da Silva, “seu” Oscar como o autor se refere ao ex-prefeito:

“já na reserva aceitou de candidatar a Prefeito em 1983 pelo PMDB, tendo como Vice-Prefeita a Professora Esmeralda Aparício Negreiros; ganhando as eleições naquele ano, tomou posse em 27.08.1983. Iniciando sua administração do nada, ou como diz o ditado “da estaca zero”.

Ao relatar o fato de um dos políticos ter aceitado a candidatura á Prefeitura Municipal de Tabatinga, o autor insere aqui o contexto político de Tabatinga e da redemocratização do Brasil. A primeira vista, podemos perceber que nesse trecho, ao contrário do outro, onde se tem a afirmação “começou do nada”, o autor pouco aventura-se em expor suas opiniões, mas apenas a relatar fatos políticos:

“[...] Tabatinga não poderia ficar de fora desse contexto, no momento em que o Brasil começava sua lenta abertura democrática, com o General João Baptista de Figueiredo, depois de anos do regime de exceção implantado em nosso país, ocasionada com a revolução de março de 1964). [...] Em 1979, assume o Governo do Estado José Lindoso, que entre ações, revela sua intenção de realizar uma nova divisão territorial no Amazonas [...]”.

Notamos que o autor teve toda cautela em fazer uma seletiva quanto ao que abordar em sua narrativa, de certa forma, o autor sempre buscar ter essa preocupação de abordar o feito, tal como é, para que esteja explicitamente no texto, configurando-se uma verdade, sem deixar margem para outras intepretações que possam de alguma forma querer indagar o ocorrido. Essa preocupação vem ao encontro daqui que costa lima afirma acerca do fenômeno historiográfico:

“Conforme seu critério, o historiador concentra sua atenção na coleta de documentos, na pesquisa de arquivos, na descoberta de novas fontes” (LIMA, 2006, p, 46)

Com base nos fatos encontrados, ou seja, baseado em documentos, pode-se obter um resultado mais válido, aquilo que a história vai reconfigurar e ter como verdade, uma vez que o escritor buscou se embasar em fatos vividos e registrados, com base no fragmento retirado do livro doutor Luiz Ataíde, pode-se constatar que o mesmo teve maior cuidado em selecionar esses fatos para depois transcrever em seu livro, sem deixar fundos falsos, sempre com uma clareza, ao que diz respeito a linguagem usada, simples, como já mencionada, e direta.

Ao analisar uma obra, podemos nos deparar com uma diversidade de fatores que estão inseridos, como a história do local, fatos que ficaram marcados, fatos sem explicação ou explicação duvidosa, se realmente aconteceu ou não tal narrativa, ainda mais quando essa narrativa trata de relatar fatos que aconteceram em tal lugar, pois sabemos que em cada canto desse mundo sempre há histórias a serem contadas e recontadas, algumas de fácil interpretação e outras não tanto passivem de aceitação.

E não seria diferente na cidade de Tabatinga – AM, localizada no Alto Solimões, onde a riqueza de cultura é grande, e as histórias que estão sobre a cidade que são muitas, e o autor Luiz Ataíde em seu livro Crônicas Fronteiriças 1, aborda com maestria esse tema.

A obra mostra-se rica com nessa relação de história, ficção e literatura. O autor Luiz Ataíde trata de muitos causos místicos, onde aborda fatos de cunho sobrenaturais, lendários, em suas narrativas, misturando o lado real com o fictício, como podemos perceber nas páginas 55, a 58, onde adentra na história do dia do folclore, dando ênfase nas tradições na região do Alto Solimões, enaltecendo a cultura indígena, com isso retrata segundo o autor “duas de suas mais lindas lendas” da cultura indígena, “Como nasceu o Dia” e a segunda “Como nasceu a Noite”. Com isso notamos que existem particularidades de ficção, ou imaginário, contudo há um entrelace de literatura e história nos acontecimentos. Vejamos o que narra sobre a Lenda criação do dia, transcrita primeiramente; da noite, transcrita logo adiante:

No principio, tudo era escuro, sempre frio e sempre era noite, isto porque uma enorme sumaumeira fechava a terra, impedindo que a claridade do sol penetrasse na terra. [...] Então Yo'i e Ipi, decidiram convidar todos os animais da floresta para ajudarem a derrubar a árvore. Mas nenhum conseguiu bem mesmo o pica-pau com o seu forte bico. [...] mas no final apareceu aquele coatipuruzinho bem pequeno taine e conseguiu subir e lá em cima jogou as formigas na preguiça que soltou os galhos, a enorme árvore caiu da sumaumeira caída nasceu o rio Solimões [...]

No principio não existia noite, tudo era recoberto por florestas e incontáveis rios. As pessoas podiam considerar-se feliz, se não fosse a claridade que não terminava nunca. Todos estavam cansados de tanta luz, pois não podiam repousar. [...] contudo sabiam que alguém guardava a noite muito bem guardada. [...] este era cobra grande, dona dos poderes mágicos. [...] desceu da árvore e mergulhou no rio, e

voltou com o coco, onde a noite estava guardada, pedindo que de nenhum modo abrissem o coco. [...] um deles teve a ideia de abrir o coco. [...] de repente a noite nasceu. Tudo ficou escuro, os bichos que estavam dentro do coco saíram imediatamente. [...] finalmente agora temos o dia e a noite e você também poderá descansar.

Ao lermos esses relatos míticos, entendemos que os mesmos não são frutos de uma imaginação infantil ou se são mentiras, uma vez que pode ser entendido/tomado como verdade por aqueles que passam a acreditar nos mitos e os mesmos são não mais do que usados para explicar fatos da realidade, aquilo que não é compreendido. Uma das características da narrativa mítica e se valer de várias simbologias, personagens sobrenaturais, de elementos que geralmente não encontramos na vida cotidiana, são movidos do imaginário humano, passado de geração em geração, considerado verídico dentro do meio social onde ele é instaurado, possuindo, portanto, força para se concretizar cada vez mais, celebrando a tradição de um povo, histórias reais ou imaginárias, mesclando-se com a religião, o sobrenatural, sacrifícios, cultura e costume no modo geral.

O mesmo acontece na página 22, quando o autor narra o episódio da Ilha localizada em frente a cidade de Tabatinga, que na verdade era uma cobra grande, por abrigar de baixo dela a monstruosa criatura. A pequena ilha sempre fora um mistério, pois com fortes correntezas, e rebojos que davam medo, a quem passasse por ali, um mistério que foi desvendado quando a tal Cobra Grande camuflada de Ilha emergiu do rio.

[...] Mas o temor do rebojo era grande, os moradores diziam que se escutavam vozes e gritos durante a noite vindos daquelas bandas, tales das pessoas que ali morreram afogadas. Todos diziam que ali morava uma cobra grande.

Os acontecimentos sobrenaturais eram frequentes segundo relatos. Muitos podem dizer que o ocorrido é apenas um mero acontecimento de cunho ficcional, que na realidade não ocorreu ou houve um acréscimo de acontecimento, que serve apenas para divertimento, ou como demonstração de uma lenda, adentrado no ambiente amazônico para fins de conhecimento, visto que a sociedade contribui nesse processo, e o autor apenas como forma a enriquecer seu livro, usa como narrativa, conforme podemos perceber em seus relatos acerca das lendas e mitos que originou a existência da Cobra Grande:

[...] Quando sob o brilho do luar, de dentro do rio brotou aquela coisa feia, horrível, apavorante, subindo uns 8 metros acima do nível do rio, parecia a cabeça de um imenso dinossauro, seus olhos e escamas brilhavam em contraste com a luz do luar arrojando-se contra a água, desaparecendo no rio, o banzeiro era intenso, as ondas nunca se ti há visto coisa igual

Tendo em vista tal narrativa, segundo Lima (2006, p, 242) “Clássico é o texto plástico, capaz de se amoldar a diversas “verdades”, sem que pareça estar sujeito a uma”. Fazendo a história se entrelaçar com o imaginário, sendo passível de aceitação, já que, o autor recolheu

informações com base no processo de tradição, aquilo que é repassado de geração em geração no meio social local, para tanto, não se pode afirmar que de fato ocorreu, e que tão pouco passa de uma mentira, visto que houve “testemunha” e há quem a defenda que de fato a ilha, por mais que tenha existido de fato, era na verdade uma cobra grande que habitava e ali escondia mistérios, onde dentro desses mistérios, existia que outras cobras caçavam animais para que essa tal cobra grande pudesse se alimentar, já que ela não podia se locomover, conforme podemos perceber de seus relatos, abaixo reproduzidos:

[...] Poucos foram os que conseguiram dormir naquele resto de noite, se lembrando daqueles momentos horripilantes, que jamais imaginavam um dia presenciar na vida. Depois disso, os remansos e rebojos despereceram

O diálogo entre os campos de leitura, que envolve o literário, ficcional e o histórico, com base no livro do historiador Luiz Ataíde, sempre haverá espaço para que estes temas apareçam, justamente por envolver em suas narrativas, esses fatores, que deixam transparecer como acontece em meio a sua escrita, o ficcional se faz parecer real, ao ponto que o leitor, ao ler as histórias, se encontra em um momento de incerteza e o livro então deixa a caráter da subjetividade de cada leitor. Uns vão opinar e dizer que de fato ocorreu, outro dizer que não aconteceu, apenas foi um contexto repassado para dar medo a população para não ir ao lugar, ou por haver um mistério que envolve tal lugar, ou apenas para fins de entretenimento.

Pode perceber quando em sua escrita, na página 67, do livro, onde relata a história de um quartel do exército, visto que nos soldados já estavam em outra instalação longe da margem do rio, já que o antigo era próximo às margens do Solimões. Nesse contexto, o autor aborda um fato que, segundo relatos, ali existia um tesouro, aconteceu que em um determinado dia, um cidadão de cor branca, de cabelo ruivo, estrangeiro que vinha do peru, e queria apenas um lugar para ficar, até o navio passar para seguir viagem.

“[...] O velho quartel de Tabatinga, com suas modernas dependências, foi inaugurado em 1933, com solene missa celebrada pelo Padre frei Silvestre, convidado que fora em Benjamin Constant, pelo comandante Tenente Almeida, em 1959 já estava abandonado, em vista da tropa da 7ª Companhia de Fronteira, já encontra-la aquartelada nas novas e recentes instalações, distantes da margem do Solimões [...]”

Nessa passagem, o autor se vale de fatos que realmente ocorreu, fazendo desse um argumento, um fato verídico, e se configurando no que Costa Lima afirmou. “a história espontaneamente processada, que serve de lastro material para a elaboração o historiador, já é por si formada por contingentes que pertencem a tempos diversos” (LIMA 2006, p.),, assim faz de seus relatos, seja em qualquer tempo, um relato de fontes confiáveis e acontecimentos verídicos. Outro ponto a ser analisado é a parte onde entra o mistério do tesouro, que o homem encontrou no quartel, já que este estava alojado no mesmo e para que tivesse tal moradia, ficava cuidando dos animais que ali tinha, tomava café e almoçava com os soldados, no novo quartel. Até que certo dia o homem, que era apelidado por “gringo”, dado a cor da sua pele, não apareceu para tomar café. O comandante, então, ordenou que dois soldados fossem ver se o homem estava bem, ao chegar lá o homem não estava:

[...] De longe os soldados já foram gritando: “Ei gringo, acorda, não é hora de tá dormindo”, ao atravessarem a porta, logo na entrada, viram um monte de barro, encima, estavam espalhadas 5 moedas de ouro, verificaram que fora cavado um buraco de aproximadamente 2 metros de fundura por 1 de largura [...]”

Para Lima (2006), na medida em que o ficcional tem sua libertação, ou seja, transcorre na narrativa, este não será uma explicação como todo, não terá a explicação exata, não pretende dizer a verdade do que ocorreu, mas se apega ao que diz respeito a sua construção verbal. Uma vez que se isto de fato ocorreu, há quem afirme que sim, mas há quem diga que, não passa de uma mera narrativa para dar certo fundo de mistério ao quartel, já que ele era abandonado, segundo Lima (2006):

“Embora se pudesse argumentar se pudesse argumentar ser incorreta a proximidade entre a mentira e ficção porque a primeira supões o propósito de enganar, ao passo que a ficção literária parte do suposto e não dar a ler/ouvir informações verídicas.” (LIMA, 2006, p, 244)

Sendo assim, parte do leitor a interpretação daquilo que ler, pode ser ela voltada ao verídico ou ao fictício, uma vez que o escritor apenas quer informar em seu livro o fato como ocorreu, justamente, porque traz um cunho verdadeiro, ou um fundo de verdade, já que o quartel de fato existira e o enredo que envolve sobre ele, isto, o autor apenas relata, situações essas que podem ter esclarecimentos nos “véus” utilizados pelos autores a se referirem às crenças populares:

“o véu que encobre a verdade, se confundir, a mentira, ou resultado proposto do poeta de não ofender as crenas populares, e ou é o produto de deformação dos relatos antigos.” (LIMA, 2006, p, 249).

Tão somente com o papel de deixar a subjetividade do leitor afluir, o autor busca enfatizar, mesmo que indiretamente, que suas crônicas expressam um papel importante na sociedade, não se limitando somente a se basear em fatos tidos como verdadeiros, mas de fazer com que seu leitor também participe da narrativa, dando de forma subjetiva, um enredo final para cada narrativa encontrada no livro.

Podemos encontrar outros traços do entrelaço da história com a literatura, uma vez ressaltando que a história se baseia em fato tido como verdadeiro, algo verídico que ocorreu, e a literatura no argumento de narrativas que poderiam ter acontecidos, como podemos ver a narrativa em que o escritor Luiz Ataíde chama de “O maior acidente Aéreo do Alto Solimões”, claramente o fato por si só, é histórico, por haver verossimilhança com a realidade, visto que de fato ocorreu e que houve morte registrada, mas a narrativa acostada ao livro, posta no livro é clara em deixar os fragmentos dramáticos, de suspense, não para obscurecer os fatos, mas dar um toque de leveza ao texto e sentido.

“Naquele clima de copa do Mundo e festa juninas, era dia 12 de junho, vésperas do dia de Santo Antônio, aquele dia amanheceu nublado, era uma cerração, por voltadas 6:30 H. da manhã faltou energia na cidade”

Dando assim um sentido aos fatos narrados, fazendo todo um esboço ate chegar ao que de fato ocorreu. Ao se deparar com o acidente, o autor relata que houve 44 mortos no total, foi uma manhã horripilante, pois nunca tinham vista nada igual como naquele dia, uma manhã para não se esquecer e ficar eternizado nas memórias de quem ali presenciou tal acidente.

“Eram 7:00 H. daquela manhã, quando toda a cidade ouviu aquele enorme estrondo, em poucos minutos todos sabiam que o avião da Companhia Aérea TABA, modelo Hirodelle que vinha de Eirunepé ‘com escala em Tabatinga, tinha caído perto do terminal de passageiros do aeroporto.”

“[...] com paciência em muito trabalho, aos poucos eram encontrados e retirados pedaços de gente, corpos carbonizados, mutilados, era uma perna, ora um braço, corpos de adultos e crianças, uns inteiros, mas com membros dilacerados pelo impacto com o chão e pelas ferragens e assim por diante.”

Para que nada fique fora de contexto e que nada sobreponha a realidade, o autor usa de argumentos que condizem com o que ele quer relatar/repassar, causando assim, uma história de fato, em que o mesmo relata ter vivido por que estava lá no local, e pôde presenciar a cena, além de contar com testemunhas que de forma indireta sustenta a afirmação do narrador, sem serem para fraude, ou invenção por parte e quem a escreve, e o leitor aqui diante do fatos não a mais haverá de interpretar, agora de se informar do que foi ocorrido, pois “A reconstituição de uma cena passada desvela e ao mesmo tempo oculta, sem que isso dependa de alguma intenção de fraude de quem a empreende (LIMA, 2006, p, 111).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro se constitui uma Literatura, pois segundo CÂNDIDO (1965) a literatura é todo texto onde se concentre o lado poético, ficcional, não importa o níveis de uma sociedade,

abrangendo em todas as áreas, que vai das lendas até as narrativas mais complexas de cunho histórico verdadeiro, que possa existir dentro de uma sociedade.

Pois dessa forma a obra literária faz uma relação entre o escritor e seu público, quando ao transmitir seu conhecimento por meio da escrita, leva o leitor ao lado da reflexão e até mesmo a mudança de estado de realidade, dessa forma a literatura auxilia no processo de transformação individual e coletivo de uma sociedade.

Por demonstrar interesse em revelar fatos ocorridos, no tempo em que a cidade começa a se fortalecer, se erguer, aonde muitos acontecimentos vieram à tona, e o escritor Luiz Ataíde toma iniciativa em escrever, relatar esses fatos, fatos estes vale ressaltar estão entrelaçados entre os campos Literatura, história e ficção, sem deixar transpassar sua importância para sociedade de um modo geral, pois uma leitura traz benefício para si e para uma comunidade, conhecer sua história, sua origem, e tudo aquilo que fez e faz parte do meio social, isso é um rico conhecimento. Podemos destacar também, a não adequação com meios literários, visto que o autor abriu mão de normas literárias ao escrever seu livro, entende-se que o escritor escreve para apenas deixar o registro dos acontecimentos, pensando em que, muitos não tem esse conhecimento todo que se passou ao decorrer da criação, trazendo a marca de se ter uma obra, que fale do ciclo de desenvolvimento do município.

Ao analisar o livro do escritor Luiz Ataíde, sua literatura, é caracterizado por meio de influências forte de concepções em que a literatura está constituída de atos sociais, e para o social, visando não só a linguagem simples para fins de comunicação, repassar uma informação, mas também de entrelaçamento pela história e pelas lembranças vividas de forma individual e de forma coletiva. Dessa forma cria-se um efeito de realidade, ficção e histórico para quem o ler, ao mesmo tempo em que a narrativa vai informando, também a passa a entreter o público de maneira a envolver em sua narrativa, deixando a subjetividade do leitor e até mesmo do escritor falar mais alto, uma vez que o escritor também se faz presente recontando aquilo que também presenciou.

Contudo, não podemos afirmar que de fato, a narrativa se concentre em somente um campo, pois por haver esse entrelaçamento a narrativa está configurada nos três ramos, tanto no Histórico que é a predominante na narrativa, quanto na Literatura, sem deixar de mostrar o seu lado Ficcional, com algumas aparições sobrenaturais, fazendo assim uma ponte entre o belo, o feio, o real histórico, o imaginário, faz com que o leitor navegue pela leitura, sem deixar de contemplar a escrita mesmo que sem perceber, o encantamento pelo novo, pelo que se realmente aconteceu. Fazendo essa análise, busca se a reflexão que está presentes no livro de fato que aconteceram e que muita das vezes esquecido pela população de Tabatinga.

REFERÊNCIAS

ATAIDE, Luiz, **TABATINGA – CRÔNICAS FRONTEIRIÇAS, 2015**, ISBN: 978-958-8924-00-7, diagramación e Impresión, editora gente nueva, Bogotá, D.C, impresso em Colômbia.

CÂNDIDO, Antônio,. *Literatura Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1976, 5º edição revista.

LIMA, Luiz Costa – **História. Ficção. Literatura** / Luiz Costa Lima – São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

LITERATURA e Sociedade: Estudos da Teoria e História Literária. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra70774/literatura--sociedade-estudo-da-teoria-e-historia-literaria>>. Acesso em: 02 de maio de 2022. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7